

## OS GÊNEROS NOTÍCIA E EDITORIAL NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA: O PAPEL DAS VOZES NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO JORNALÍSTICO

Maiara Cristina Segato (IC), (UNESPAR/FECILCAM), maiarasegatoletas@gmail.com  
Neil Armstrong Franco de Oliveira (OR), (UNESPAR/FECILCAM), prof.neilfranco@gmail.com

**RESUMO:** O processo de ensino e aprendizagem de língua materna, pautado na perspectiva dos gêneros discursivos, representa um avanço educacional e, ao mesmo tempo, um desafio para os professores que, frequentemente, não dispõem de procedimentos metodológicos necessários para desenvolver um trabalho efetivo com os gêneros. Sendo assim, com base na teoria dos gêneros de Bakhtin e nos postulados da Linguística Aplicada, utilizamos os gêneros jornalísticos notícia e editorial como objetos de ensino em uma proposta para as aulas de Língua Portuguesa. Buscamos, a partir dos conceitos bakhtinianos, dialogismo e polifonia, tratar dos mecanismos linguísticos, discursivos e enunciativos dos gêneros em questão, visando, além de desenvolver as capacidades linguísticas e discursivas, contribuir para a formação crítica e reflexiva dos alunos. Nesse sentido, observamos que enquanto na notícia a incorporação de outras vozes ocorre para legitimar a posição de neutralidade do texto/jornal, no editorial as diversas vozes que o compõem atuam em função do jogo enunciativo de marcar e fundamentar a opinião. Observamos, também, que, mesmo seguindo as orientações quanto à construção de objetividade e neutralidade, o discurso jornalístico nunca se configura como neutro, já que as vozes que o perpassam estão sempre ligadas a determinadas esferas culturais, políticas e ideológicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Gêneros textuais; Gêneros notícia e editorial; Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.*

### INTRODUÇÃO

Quando discutimos a respeito do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa (doravante LP) no âmbito escolar, sempre nos questionamos qual seria a metodologia mais eficaz na prática educacional, ou ainda quais seriam as ferramentas necessárias para o trabalho em sala de aula, a fim de desenvolver nos alunos uma capacidade de comunicação em variadas situações discursivas e uma percepção crítica que os auxilie a se posicionar, argumentar e opinar.

Esses e outros questionamentos impulsionam, cada vez mais, a criação e o desenvolvimento de novos projetos de pesquisa no campo dos estudos linguísticos, mais especificamente no campo da Linguística Aplicada. Muitos pesquisadores apontam a importância de se utilizarem os gêneros discursivos como objetos de ensino para a efetivação dos objetivos para o ensino e aprendizagem da LP, isto é, para o desenvolvimento linguístico e comunicativo no processo de interação social (LOPES-ROSSI, 2006; MARCUSCHI, 2003; MEURER; MOTTA-ROTH, 2002; SCHNEWLY; DOLZ, 2010).

Sendo assim, as políticas educacionais brasileiras em geral e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998), em particular, fundamentando-se em teorias sociointeracionistas da linguagem, reconhecem a necessidade do ensino de LP a partir da perspectiva dos gêneros discursivos. A proposta pedagógico-curricular de ensino com base em uma pluralidade de gêneros apoia-se na compreensão de que quanto maior o contato com gêneros diversos, maiores são as possibilidades de desenvolvimento de competências linguísticas nas mais variadas situações comunicativas. Com o objetivo de atender às sugestões dos PCN, os programas escolares buscam trabalhar com gêneros diversificados. No entanto, grande parte dos professores sente-se despreparada e desprovida de materiais e metodologia para uma abordagem de ensino utilizando os gêneros, como instrumento didático, em sua prática profissional.

Buscamos, assim, refletir sobre essa prática educativa, sabendo que um dos maiores desafios da escola, principalmente nas aulas de LP, é o de amenizar as lacunas existentes no ensino. Nossa preocupação é com a perspectiva de propósitos práticos de como abordar os gêneros textuais<sup>1</sup> em sala de aula. Dessa forma, a fim de contribuir com a proposta de trabalho com os gêneros, utilizamos os gêneros jornalísticos notícia e editorial, como objetos de ensino, para apontar uma possibilidade de trabalho nas aulas de língua materna numa 3ª série do Ensino Médio.

Nosso trabalho está ancorado nas contribuições de Bakhtin, no que se refere aos aspectos relativos à concepção interacionista da linguagem, aos mecanismos linguísticos de constituição dos gêneros (tema, construção composicional e estilo), aos aspectos enunciativos como a polifonia e o dialogismo, bem como à Linguística Aplicada, em relação ao gênero e sua aplicação didática.

Inicialmente, discorreremos sobre a teoria dos gêneros discursivos, o conceito de dialogismo e a noção de polifonia em Bakhtin. Nessa mesma seção, também discutiremos o tratamento dado pela escola em relação à sugestão dos PCN, de ensino fundamentado nos gêneros, e introduziremos conceitos sobre os gêneros jornalísticos notícia e editorial.

Por fim, a partir de exemplares da *Folha de São Paulo*, apresentaremos uma análise/proposta com os gêneros notícia e editorial, enfocando, sobretudo, seus aspectos enunciativos, isto é, mostrando como ocorre o gerenciamento de vozes nesses textos e como esse caráter polifônico põe em debate o status de neutralidade da mídia jornalística.

---

<sup>1</sup> Optamos, em nosso trabalho, por não fazer a distinção entre os termos “discursivo”, da perspectiva bakhtiniana, e “textual”, da Escola de Genebra.

## ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

Para o teórico russo Mikhail Bakhtin (1997), a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico, em que a interação verbal, cada situação de uso da língua, efetiva-se por meio de “tipos relativamente estáveis de enunciados”, isto é, por meio dos gêneros, que são produzidos nas infindáveis atividades humanas, em suas mais variadas esferas, e refletem “as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Assim, cada esfera da atividade humana elabora tipos específicos de enunciados e cada enunciado constitui-se de marcas específicas da esfera de comunicação no qual está inserido, pois, conforme acrescenta Bakhtin (1997, p. 279), no “todo” desses enunciados há elementos que o compõem e fundem-se indissolúvelmente, sendo estes: “conteúdo temático, estilo e estrutura composicional”, que são fatores que determinarão a escolha do gênero do enunciado e condicionarão uma “compreensão responsiva”, sendo que, na escolha desses aspectos estão incluídas as vozes sociais e as ideologias pretendidas. A saber, o conteúdo temático refere-se ao domínio de sentido de que se ocupa o gênero, o estilo é a seleção de recursos linguísticos específicos de determinado gênero e a estrutura composicional é o modo de organizar e estruturar o texto.

Conforme Bakhtin (1997, p. 301), “para falar utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso”. Nesse sentido, os gêneros abrangem linguagem em funcionamento, ou seja, nas modalidades escrita e oral, visto que eles surgem da interação entre os indivíduos a partir do uso efetivo da língua e se ampliam de acordo com o desenvolvimento das próprias esferas, refletindo seus avanços históricos e tecnológicos, como observa o autor:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p.279)

Bakhtin (1997) estabelece em seus postulados que, através dos gêneros do discurso, todas as esferas da atividade humana estão ligadas ao emprego da linguagem a partir da interação sociodiscursiva. Para Bronckart (1999, p. 103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. E segundo observa Marcuschi (2003), os gêneros e textos são indissociáveis, uma vez que os textos materializam-se em diversos gêneros. Portanto, é o conhecimento e o domínio que as pessoas têm, ainda que inconsciente, da variedade e dinamicidade dos gêneros que possibilitam a comunicação verbal nos diversos usos sociais.

Bakhtin ainda introduz dois conceitos relacionados à sua teoria discursiva, aos quais também nos valeremos em nossa pesquisa: O dialogismo e a polifonia. O princípio dialógico permeia a concepção de linguagem de Bakhtin, que se estende à sua concepção de sujeito e de mundo. O movimento dialógico da enunciação pode ser ilustrado com a noção de compreensão responsiva. Os interlocutores enunciam em função de uma atitude responsiva, projetando o que o outro vai dizer. O “diálogo” não se dá somente entre duas pessoas face a face, mas em toda a comunicação verbal, pois, conforme Bakhtin (1997, p. 317), “mesmo os discursos aparentemente não-dialógicos, como textos escritos, são internamente dialógicos e polifônicos”. Inevitavelmente, “compõem cadeias dialógicas e respondem, antecipam, polemizam outras vozes”, por isso, são sempre “uma resposta ao que já foi dito”.

Ainda segundo o teórico russo, cada texto “em sua qualidade de enunciado, é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido” (BAKHTIN, 1997, p. 332). Um enunciado jamais poderá ser reproduzido em sua totalidade porque está diretamente relacionado com o contexto enunciativo. Em contrapartida, não se pode dizer que toda fala é inédita, pois tudo aquilo que se diz é proveniente de algo anteriormente já produzido, que foi incorporado aos conhecimentos do indivíduo e que posteriormente é reproduzido como se fosse um texto único e exclusivamente produzido por aquele que o enuncia. É Brait (apud BARROS; FIORIN, 2003, p. 14), quem confirma essa visão quando cita, à luz de Bakhtin, que “tudo o que é dito, tudo que é expresso por um falante, não pertence só a ele. Em todo o discurso são percebidas vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis”. Sendo assim, nenhuma palavra é realmente nossa, mas traz em si a perspectiva de uma outra voz. A essa noção de uma multiplicidade de vozes sociais presente em um discurso, Bakhtin denominou polifonia.

Em termos didáticos, segundo Schneuwly e Dolz (2010, p. 61), o gênero “é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos”. Portanto, a escola tem a tarefa de ensinar a língua para e nas práticas sociais de uso, pois o conhecimento e a experiência com diversos gêneros permitem a produção e a compreensão de textos orais e escritos. Dessa forma, com intuito de garantir a formação básica comum, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Ensino de LP propõem fundamentar o ensino e aprendizagem, a compreensão e a produção textual em língua materna pautados na perspectiva dos gêneros discursivos, visando ao desenvolvimento da capacidade linguística e discursiva do aluno:

É necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que

textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p.23-24)

Nessa perspectiva sociointeracionista – a linguagem compreendida como forma de interação que permeia todos os nossos atos e nossas relações com os outros –, os gêneros discursivos diversos “são tomados como objetos de ensino e são, portanto, responsáveis pela seleção dos textos a serem trabalhados como unidades de ensino” (ROJO, 2008, p. 34). No entanto, nota-se uma divergência entre os procedimentos preconizados pelos PCN e teorias linguísticas subjacentes e a realidade da prática cotidiana de professores dos diversos níveis de ensino. Ao se deparar com as orientações dos documentos oficiais, como os PCN, de ensino com base nos gêneros, o professor sente-se despreparado e encontra grandes dificuldades ao utilizar esse instrumento didático para que os alunos possam assumir discursos variados e, conseqüentemente, contribuir na escrita e na produção de sentido do texto.

Muitos professores julgam conhecer e dominar os conceitos teóricos sobre os gêneros, contudo, ainda continuam assumindo posições que nada correspondem à concepção sociointeracionista da linguagem, ou seja, o trabalho com os gêneros tem sido realizado somente sob um aspecto estrutural e gramatical, desvinculado do contexto sócio-histórico-cultural. De fato, há certo desconhecimento, por parte de muitos professores, de um encaminhamento didático-metodológico para um trabalho que contemple os elementos que constituem os gêneros: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Considerando essa problemática, e conforme sugerido nos PCN (1998), dentre os gêneros a serem trabalhados nas atividades de leitura e produção, o que o documento chamou de gêneros “de imprensa”, escolhemos para a nossa pesquisa os gêneros notícia e editorial, pertencentes às categorias jornalísticas informativa e opinativa, respectivamente, a fim de romper com os paradigmas tradicionais do sistema convencional de escrita e da mera decodificação da leitura. Acreditamos que trabalhar com tais gêneros da esfera jornalística, em sala de aula, possa, além de desenvolver habilidades linguísticas e discursivas, ampliar a consciência crítica e reflexiva dos alunos em vista do conteúdo veiculado pela mídia, possibilitando-lhes tornarem-se cidadãos ativos na sociedade. O trabalho com os gêneros jornalísticos notícia e editorial pode permitir a professor e aluno conhecerem suas especificidades, quanto à forma e à função sociocomunicativa, nos seu papeis de informar e opinar sobre os acontecimentos diários.

Como sabemos, a principal finalidade do jornalismo é relatar os fatos mais importantes do nosso cotidiano. Atualmente, somos bombardeados por uma enorme quantidade de informações, que nos chegam através da mídia. Assim, tem-se aumentado significativamente a ânsia do cidadão na busca por novas informações, diariamente. Dessa forma, a mídia, enquanto responsável pela divulgação e mediação dos fatos ocorridos no dia-a-dia, intervém e influencia no cotidiano social e nos padrões de comportamento da sociedade, por meio de marcas ideológicas constitutivas de seu discurso que se torna, em muitos momentos, para uma parcela considerável da sociedade, incontestável. O discurso jornalístico, “sob uma aparente neutralidade”, constrói a opinião pública, orienta posicionamentos ideológicos e dita regras e valores. Portanto, ao utilizarem-se como objetos de ensino os gêneros notícia e editorial, deve-se ter em mente que os textos jornalísticos não são meras reproduções dos acontecimentos e opiniões e que os meios de comunicação jornalísticos decidem o que “devemos ou não” saber acerca dos fatos ocorridos no mundo. Por isso, é de fundamental importância o estudo dos gêneros pertencentes à esfera jornalística para uma reflexão sobre a relação ideológica que perpassa a qualquer texto.

Na busca por sistematizar e definir os gêneros do jornalismo brasileiro, Melo (1994), professor e pesquisador na área da Comunicação, propõe classificá-los em duas categorias diferentes: “gêneros informativos (nota, notícia, reportagem e entrevista)”, que têm exclusivamente a função de informar um fato de interesse relevante para a sociedade, com objetividade e imparcialidade e “gêneros opinativos (editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, crônica, coluna caricatura e carta)”, que têm a função de difundir opiniões com um caráter persuasivo em relação ao leitor (MELO, 1994, p. 45).

A notícia é um gênero cuja especificidade é a informação, tendo a finalidade de relatar com uma pressuposta imparcialidade e compromisso de verdade os acontecimentos do cotidiano de maior relevância, inéditos e de interesse público, como fatos políticos, econômicos, culturais, esportivos, trágicos, escandalosos e sensacionais. Conforme Azevedo (2009, p. 29), em relação aos aspectos estruturais, a notícia é composta por: “Título” indicando o assunto; “Lead ou Lide” (categoria opcional) que é a abertura da notícia, apresentando o assunto de modo breve ou destacando parte mais relevante do tema. Seu objetivo é prender a atenção do leitor e fornecer-lhe informações fundamentais sobre a notícia. No lead deverá ser respondidas questões como: quem? O que? Onde? Quando?; E o “Evento principal” que é a notícia propriamente dita, onde se faz o relato pormenorizado do que aconteceu, devendo responder-se às perguntas: Como? Por quê?

Sabemos que a exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Infelizmente, muitas instituições jornalísticas, tendenciosamente e a qualquer preço, omitem ou inserem informações no conteúdo das notícias, vindo

a interferir na exatidão do relato, e influenciando um público leitor que de forma acrítica interpreta as informações como verdades absolutas. Nessa conjuntura, a notícia filtra e molda realidades cotidianas, conduzindo a vida diária do público leitor e, sobretudo, contribuindo para a manutenção do senso comum.

O editorial é o espaço reservado para exprimir a opinião da empresa jornalística, marcado pelo caráter argumentativo, opinativo e crítico. Segundo Melo (1994, p. 79), “nas sociedades capitalistas, o editorial reflete não exatamente a opinião dos seus proprietários nominais, mas o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização”. Assim, embora o editorial seja publicado de forma impessoal, marca a posição do consenso das opiniões dos componentes editorialistas da empresa jornalística a respeito de um tema pertinente e oportuno, geralmente polêmico, ou sobre os principais fatos do momento. O editorial é um gênero que tem sua temática orientada para a manifestação valorativa a respeito de acontecimentos sociopolíticos da atualidade histórica que são notícia jornalística.

Por meio de argumentos e contra-argumentos, o gênero editorial tem a finalidade de influenciar e dirigir a opinião dos leitores. Para tanto, conforme Vieira (2009, p. 15), apresenta em sua estrutura: “Introdução”, que é a apresentação do tema ou tese com o lançamento de uma idéia principal para situar o leitor, já adotando um posicionamento; “Desenvolvimento ou Corpo da Matéria”, isto é, contextualização do tema, fundamentação do ponto de vista do jornal através de comparações com a realidade, demonstrando causas e indicativos concretos. Para isso pode apresentar exemplos, pesquisas, depoimentos, citações, retrospectivas históricas e quaisquer outros tipos de informação necessários à sua boa fundamentação; e “Conclusão”, que é a síntese das ideias gerais do texto, mas geralmente, apresenta um posicionamento crítico, sem fugir ao assunto inicial, lembrando-se do que motivou a opinião e, preferencialmente, sem moralismo, pode sugerir, aconselhar ou indicar caminhos e soluções, também ancoradas em exemplos concretos.

### **ANÁLISE/PROPOSTA DA NOTÍCIA E DO EDITORIAL DA *FOLHA DE SÃO PAULO* A SER DESENVOLVIDA NA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO**

O suporte dos gêneros selecionados é a *Folha de São Paulo*, que é o maior jornal de circulação do Brasil e um dos mais influentes político-socialmente. É importante contextualizar que o fato da notícia “Conflito entre 300 deixa um morto a tiro” é o confronto ocorrido entre os membros de torcidas organizadas dos times Corinthians e Palmeiras no domingo, 25 de março de 2012, na Freguesia do Ó, zona norte de São Paulo, horas antes do clássico no Pacaembu, pelo Campeonato Paulista, em que um dos membros da torcida Mancha Verde foi baleado na cabeça e, logo após, morto

com perda encefálica. Percebemos que há um estreitamento de fronteiras entre a notícia e o editorial selecionados, pois o editorial da *Folha*, “Pacificar o futebol”, publicado no dia 27 de março de 2012, opina a respeito da notícia “Conflito entre 300 deixa um morto a tiro”, veiculada no dia anterior, resgatando dialogicamente o tema da notícia.

A partir desses dois textos, pensamos em uma proposta de trabalho com o 3º ano do Ensino Médio, por já apresentarem certa maturidade e capacidade de reconhecer os gêneros, suas especificidades, funcionalidade social, bem como a relação ideológica que atravessa cada enunciado em razão da esfera na qual estão inseridos. O trabalho com a notícia e o editorial não deve se restringir somente aos componentes característicos e esquemáticos dos gêneros, mas o professor deve analisar e refletir com os alunos a pertinência das informações, os destaques de dados e argumentos. Além dos elementos pertinentes ao gênero, é importante que o professor discuta com os alunos sobre o contexto da notícia e do editorial para que eles se interessem e tenham conhecimento de diversas questões que envolveram o fato e a opinião sobre o fato.

### **A Notícia**

A notícia selecionada apresenta o título “conflito entre 300 deixa um morto a tiro” que é acompanhado por um subtítulo que antecipa o assunto a ser tratado “Um ano após irmão ser baleado também antes de um clássico, palmeirense é atingido na cabeça”. Os títulos nas notícias apresentam elementos linguísticos característicos. Na notícia em questão, o título apresenta o verbo flexionado e no tempo presente “deixa” que, como explica Faria e Zanchetta Jr (2007, p. 14), garante atualidade à informação e intensifica a ideia de ação e dinamicidade. Podemos notar outra característica também presente em títulos e subtítulos que são os verbos no particípio, como, nesse caso, os verbos “baleado” e “atingido”.

Abaixo, está o lead, da linha 1 à linha 5, que responde ao leitor as perguntas: a) quem? “o estudante palmeirense André Alves Lezo”; O que? “levou um tiro após confronto com corintianos”; Onde? “em São Paulo”; Quando? “Março de 2012: horas antes de um Corinthians e Palmeiras”. Além dessa função, o lead da notícia ainda esclarece o leitor a respeito de fatos passados e interligados, ou seja, os dois confrontos ocorridos entre as torcidas, em agosto de 2011 e março de 2012.

No decorrer de toda a notícia predominam verbos no tempo passado: “levou”, “ficou”, “recebeu”, “levou”, “morreu”, “salvou”, “aconteceu”, “perdeu”, “passou” “ocorreu”, “ficaram”, “enfrentaram”, “foram”, “chegou”, “começou”, “saímos”. O tempo verbal no passado é utilizado pelo enunciatador justamente por se tratar de relatar um fato que já ocorreu. Nesse caso, o fato ocorreu no domingo e a notícia foi veiculada na segunda-feira.

Em sala de aula, o professor, pode explorar os recursos linguísticos pertinentes aos títulos das notícias, como a predominância de substantivos, o efeito produzido pelo uso dos verbos, se há ou não a presença de adjetivos etc. Pode também mobilizar um trabalho de identificação da estrutura do lead e de elementos do corpo da notícia que sugerem objetividade e dão credibilidade à informação. O papel do professor, aqui, é levar o aluno a refletir que os elementos utilizados marcam a relevância da matéria, a concretude dos fatos, a atualidade, a dinamicidade e, sobretudo, que, de maneira geral, os jornais pregam o compromisso com a “neutralidade” e se utilizam de expedientes linguísticos para tanto. Contudo, pode sustentar opiniões claras mesmo revestindo as palavras de uma pretensa “neutralidade”, revelando, assim, seus posicionamentos.

### **O Editorial**

O editorial é redigido em 10 parágrafos e, como característico do gênero, conforme Vieira (2009, p. 15), apresenta em sua estrutura: “Introdução”, linha 1 à linha 6, apresentando o tema e já marcando um posicionamento; “Desenvolvimento ou Corpo da Matéria”, linha 7 à linha 26, fundamentando a sua opinião com um resgate histórico (o já-dito bakhtiniano), ou seja, no editorial o relato dos fatos históricos se integram à linha argumentativa que servem para sustentar a objetividade dos argumentos; e “Conclusão”, linha 27 à linha 31, apresentando um posicionamento crítico e sem moralismo faz uma sugestão. A *Folha* indica caminhos e soluções, ancorados em exemplos concretos, isto é, as providências tomadas pelos britânicos.

O editorial por ser um gênero de natureza argumentativa, prima pela construção de um ponto de vista, que será sustentado por argumentos, a fim de persuadir o público leitor das “verdades” defendidas pelo jornal. Para tanto, o editorialista utiliza alguns componentes linguísticos, condicionados pelo efeito de sentido que se quer produzir, considerando os interlocutores previstos, a ideologia, o contexto sócio-histórico. Os componentes mais evidentes são os operadores argumentativos, os modalizadores e a incorporação de vozes, os quais são marcas recorrentes no gênero e contribuem para o posicionamento enunciativo do editorial.

Na linha 8, o editorialista utiliza o operador argumentativo que introduz argumento contrário “contudo” para contrapor ao que foi enunciado, deixando claro que apesar dos responsáveis pela segurança pública reconhecerem o problema, ainda faltam recursos para acabar com a violência. Na linha 20, o operador argumentativo “além de” soma o argumento “penas de prisão ou serviço comunitário” a “banimento dos estádios” como consequência aos torcedores que infringirem às leis. Na linha 21, o uso do operador argumentativo de pressuposição “até dez anos” (de banimento dos estádios) aponta para o argumento mais forte numa escala orientada.

O uso da modalização marca o distanciamento do jornal em relação ao conteúdo veiculado. Na linha 9, o modalizador verbal “pode ser” levanta a hipótese ou possibilidade sobre uma eventual mudança na atitude dos órgãos responsáveis pela segurança pública devido a Copa do Mundo de 2014. Já na linha 22, o modalizador verbal “pode ser”, indica a possibilidade do tempo de punição de torcedores flagrados em conflito ser maior, neste caso, perpétuo. Na linha 25, o modalizador verbal “têm de” especifica as obrigações dos torcedores envolvidos em brigas nos dias de jogos.

O ponto de vista do editorial é apresentado através de expressões predicativas avaliativas. Na linha 4, o editorialista utiliza o predicativo “é correta” para afirmar categoricamente o enunciado que se segue, isto é, “a decisão”, marcando, assim, a sua posição, ou seja, a voz de autoridade do editorial (interpelação direta ao leitor) é acionada. Nesse enunciado “é correta, portanto, a decisão”, o enunciador se põe a favor da reação de uma autoridade, no caso, uma entidade. O autor do texto se alia ao discurso da Federação Paulista de Futebol de banir as torcidas Mancha Alverde e Gaviões da Fiel dos estádios. Já na linha 11, o editorialista utiliza o predicativo, “é possível”, como um recurso argumentativo para aumentar a força persuasiva em relação a uma proposta de mudanças no cenário público, bem como nos estádios de futebol.

Para o trabalho em sala de aula, é interessante ressaltar que o próprio tema do editorial funcionaria como promotor de um debate inicial, necessário o acesso à notícia “conflito entre 300 deixa um morto a tiro”, publicada no dia anterior. O professor pode também elaborar uma atividade sobre os organizadores textuais, para que os alunos possam identificar as características estruturais do editorial: a “introdução”; a apresentação do assunto; o “desenvolvimento ou corpo da matéria”, fundamentação da opinião; e a “conclusão”.

Como observamos no texto analisado, o editorial caracteriza-se pela presença de operadores argumentativos, modalizadores textuais e expressões predicativas avaliativas. Assim, o professor pode explorar a presença desses recursos linguísticos, que são responsáveis pela argumentatividade de todo o texto e fundamentação da opinião do autor/jornal. A análise do texto deve ser feita junto com os alunos, trabalhando a organização textual do texto, paralelamente às marcas linguísticas, no processo de co-produção de sentidos, considerando sempre as condições de produção e a incorporação de informações, de dados, de opiniões, de negociações e de interpelação ao leitor.

### **As vozes na Notícia e no Editorial**

Como sabemos, os gêneros jornalísticos são constituídos de elementos que marcam a objetividade e a neutralidade, mas há vários aspectos no seu discurso que rompem com esse padrão de regularidade, pois, conforme Grillo (2004, p. 231), “é justamente nos elementos que procuram

persuadir os leitores da transparência do jornal em relação aos fatos, títulos, discurso citado, que encontramos as marcas de opinião”.

O texto noticioso precisa oferecer o máximo de informações possíveis para que pareça verdadeiro e produza o “efeito de real”. Assim, o relato de fatos numa notícia, além de apresentar uma data precisa e a determinação do lugar onde ele ocorreu, precisa de outras informações como a fala de pessoas envolvidas para conferir maior credibilidade e vivacidade à notícia. Para Grillo (2004, p. 94), a presença do discurso citado no gênero notícia “caracteriza a imprensa como porta-voz de discursos dos atores sociais”.

Na linguagem jornalística há um tipo de procedimento discursivo muito comum, que é a estratégia de relatar o discurso de outrem, podendo ser feita de duas formas: por meio da reprodução da fala da pessoa envolvida – discurso direto, ou por meio do relato da fala feito pelo jornalista, como uma espécie de paráfrase da fala do outro – discurso indireto. Segundo Benites (2002, p. 59), “ao contrário do discurso indireto, em que predomina a interpretação, no discurso direto predomina a repetição, a imitação. Esta é a razão porque o discurso direto autentica os enunciados reportados”.

O discurso da notícia é marcadamente polifônico, com elementos gráficos, linguísticos e enunciativos que apontam para a presença das várias vozes que entram na composição do gênero. Essas vozes, na notícia, que representam, muitas vezes, a voz de uma testemunha do fato ou de uma autoridade, não precisam estar explicitamente marcadas. No discurso direto, elas são indicadas a partir do aspeamento e dos verbos delocutivos. Já no discurso indireto, o discurso citado é sempre introduzido pelo verbo delocutivo.

A presença dos verbos delocutivos, assim como outros recursos linguísticos mobilizados para a estratégia de construção textual, nos mostra a impossibilidade de apresentar ao leitor um relato objetivo e distante dos fatos, isento de avaliações pessoais ou julgamentos. Conforme Benites (2002), os verbos delocutivos não têm como única função a apresentação pura e simples do discurso citado, mas são igualmente indiciadores dos sentimentos e das concepções do jornalista diante daquilo que cita e diante das atitudes ou estados psicológicos do locutor citado. Para a autora, “tanto o discurso direto quanto o discurso indireto podem ser manipulados pelo locutor citante” (BENITES, 2002, 60). A transparência do discurso citado, a impressão de que a reprodução da fala do outro é fiel, é apenas uma ilusão, pois ao inserir o discurso do outro no seu discurso, o enunciador cria uma nova situação enunciativa.

Acerca dessas marcas enunciativas no texto noticioso, podemos observar a presença de vozes na notícia selecionada. No enunciado, linha 9, “A polícia suspeita que o confronto pode ter sido agendado pela internet”, tem-se, aqui, a recorrência à voz do outro introduzida pelo verbo delocutivo

“suspeitar”. No enunciado, linha 14, “Eram cerca de 300 corintianos e palmeirenses, de acordo com a polícia” há uma construção chamada de discurso segundo, a qual, conforme Grillo (2004, p. 116), sua especificidade é a modalização “pelo envio a um outro discurso”. O locutor utiliza a voz da polícia para ancorar a sua afirmação e conferir legitimidade e credibilidade a um argumento em relação ao conteúdo tratado. Nos enunciados, “O porta-voz da PM, major Marcel Soffner, disse”, linha 21, “Soffner disse”, linha 31, e “A mancha Alviverde afirmou”, linha 33, há a presença do discurso indireto introduzido pelos verbos delocutivos “dizer” e “afirmar” marcando a voz do outro, e, especificamente, no primeiro enunciado, a voz de uma autoridade. Conforme Benites (2002), os verbos delocutivos “dizer” e “afirmar” criam um efeito de neutralidade em relação ao discurso veiculado. O jornalista utiliza esses verbos com o intuito de manter certo distanciamento em relação ao fato/fala. No enunciado, linha 36, “contou André Guerra”, vemos a presença do discurso direto, diferentemente do que ocorreu no restante da notícia, com as marcas gráficas tradicionais no jornalismo, aspas e verbo delocutivo depois da voz do personagem.

Conforme Barros (2003, p. 6), segundo as estratégias discursivas acionadas, há textos polifônicos e monofônicos. Nos textos polifônicos as vozes se mostram, já nos monofônicos elas se ocultam sob a aparência de uma única voz. Nesse sentido, o discurso do editorial é aparentemente monofônico, no entanto, ao apresentar sua opinião, por meio da argumentação, incorpora o já-dito, ou seja, várias vozes participam da construção da posição do editorialista direcionadas para outras vozes, a serem assimiladas ou rechaçadas, e direcionados ao leitor, de forma a elevá-lo à posição de aliado ou de tentar convencê-lo da opinião do autor.

Devido ao caráter social e ideológico do gênero, podemos perceber uma grande quantidade de vozes de personagens sociais no editorial. Para isso, o editorialista lança mão de uma estratégia argumentativa bastante usada no gênero editorial, isto é, o argumento de autoridade, normalmente vindo de especialistas no assunto tratado ou de instituições sociais. Esse recurso característico, conforme Benites (2002), “discurso citado de autoridade”, traz discursos de outras esferas, de forma explícita ou não, para validar o posicionamento enunciativo, no caso do editorial, convencer o leitor em relação ao ponto de vista do editorialista. Para Rodrigues (2005), os dados, opiniões, e fatos com os quais o autor mantém relações dialógicas dão corporeidade a sua opinião. A voz do outro é incorporada para dar garantia à posição do jornal. Portanto, enquanto o gênero notícia se estrutura pela presença de relatos de fatos/fala, a fim de produzir um “efeito de real”, o editorial insere o relato de acontecimento e do discurso alheio para ancorar a argumentação.

No editorial da *Folha*, linha 2, a expressão “a clamar” mostra que o editorial recorre às vozes num processo dialógico de adesão ou distanciamento (contraposição) ao discurso do enunciador, que,

no caso do editorial, é o veículo de imprensa. O clamor é um anseio coletivo para tomada de atitudes dos órgãos responsáveis em relação à violência, ou seja, o “clamor” é tanto da sociedade quanto do próprio enunciador. Na linha 7, o enunciado “Os responsáveis pela segurança pública” marca a presença de voz de autoridade, a qual o enunciador utiliza para fundamentar a sua opinião.

Outra marca do gênero editorial é que, segundo Melo (1994, p.97), “[...] embora se dirijam formalmente à ‘opinião pública’, na verdade encerram uma relação de diálogo com o Estado”. Podemos notar isso, na linha 30, quando o editorialista diz “Cabe ao Ministério do Esporte e às autoridades da segurança pública”, confirmando a visão de Mello quanto à imprensa brasileira, deixando claro que não se trata de expor as opiniões e reivindicações da sociedade, mas sim uma defesa de interesses dos segmentos empresariais e financeiros que representam.

Diante do exposto, no sentido da enunciação dialógica e polifônica de Bakhtin, considerando a marcação explícita e implícita das vozes no texto, na notícia, o discurso direto e o discurso indireto são alguns dos mecanismos enunciativos que demonstram a forma como o autor/enunciador gerencia as vozes no texto que produz. E os verbos delocutivos, que dão sequência ao relato dos acontecimentos e introduzem as diferentes vozes que irão constituir a notícia, geralmente, se apresentam revestidos de traços de apreciação valorativa. O trabalho com as vozes na notícia deve ser feito de modo a mostrar que, seja por meio do discurso direto ou do discurso indireto, o enunciador se apropria dos discursos alheios para legitimar as características do texto noticioso e para validar a posição de “neutralidade” do texto/jornal. Já o trabalho como o editorial deve ser feito mostrando que as diversas vozes sociais que compõem o gênero – argumentos de autoridade, opinião de cidadãos comuns, vozes de órgãos e instituições sociais – atuam em função do jogo enunciativo de marcar pontos de vista, ou seja, para a fundamentação da opinião do autor/jornal e convencimento do leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos mostrar neste trabalho, a partir da análise/proposta com os gêneros jornalísticos notícia e editorial, uma alternativa de encaminhamento teórico-metodológico que contempla os recursos linguísticos e os mecanismos enunciativos de cada gênero, com base em argumentações teóricas que aprovam os gêneros como uma perspectiva eficaz para o ensino de Língua Portuguesa.

Procuramos também mostrar que as estratégias de construção textual são empregadas de acordo com as intenções e ideologias, a fim de persuadir o leitor, e as escolhas efetuadas pelo enunciador, nas quais prevê a presença de outras vozes, deixa latentes suas marcas de subjetividade.

Nosso percurso investigativo procurou apontar uma das possibilidades de abordagem dos gêneros jornalísticos em questão, portanto, o trabalho com os gêneros notícia e editorial não se esgota

aqui, pois outros procedimentos didático-pedagógicos podem ser adotados a partir da experiência adquirida pelo professor ao utilizar esses e outros gêneros textuais em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. Gêneros textuais: breves considerações acerca da notícia. In: DELL'ISOLA, R. L. P. (Org.). **Nos domínios dos gêneros textuais**. Belo horizonte: FALE/UFMG, 2009, p. 27-37.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, J. P. **Notícia**. Coleção Trabalhando com os gêneros do discurso. São Paulo: FTD, 2001.

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003, p. 1-9.

BENITES, S. A. L. **Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico**. São Paulo: Arte e Ciência; Assis: Núcleo editorial Proleitura, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ SEF**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA JR, J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Conflito entre 300 deixa um morto a tiro**. Edição on line de 26/03/12. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/33564-conflito-entre-300-deixa-um-morto-a-tiro.shtml>. Acesso em: 03 de abr 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Pacificar o futebol**. Edição on line de 27/03/12. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/33659-pacificar-o-futebol.shtml>. Acesso em: 03 de abr 2012.

GRILLO, S. V. C. **A produção do real em gêneros do jornal impresso**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO K. S. **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. 2. Ed. ver. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2003.

MELO, J. M. de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino de linguagem. Bauru: Edusc, 2002.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa**. SETI, Curitiba – PR, 2008.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: **Gêneros**: teorias, métodos e debates. Meurer, J. L.; Bonini, A.; Motta-Roth, D. (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

SCHNEWLY, B.; DOLZ J. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2 ed. Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

VIEIRA, R. M. M. O editorial de jornal. In: DELL'ISOLA, R. L. P. (Org.). **Nos domínios dos gêneros textuais**. Belo horizonte: FALE/UFMG, 2009, p. 15-20.

## ANEXO 1

São Paulo, segunda-feira, 26 de março de 2012 **FOLHA DE S.PAULO esporte**

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

Conflito entre 300 deixa um morto a tiro

**Um ano após irmão ser baleado também antes de um clássico, palmeirense é atingido na cabeça**

DE SÃO PAULO

1 Agosto de 2011: horas antes de um Corinthians e Palmeiras, em Presidente Prudente, o  
2 balconista palmeirense Lucas Alves Lezo **levou** um tiro após confronto 3 com policiais, **ficou**  
3 dois dias internado e **recebeu** alta.

4 Março de 2012: horas antes de um Corinthians e Palmeiras, ontem, em São Paulo, o 5 estudante  
5 palmeirense André Alves Lezo **levou** um tiro após confronto com corintianos.

6 André **morreu** ontem por volta das 21h. Estudava engenharia civil na Uninove. Era irmão de  
7 Lucas, o palmeirense que **foi** baleado e se **salvou**, ano passado, em Prudente, e que se tornaria o  
8 atual vice-presidente da torcida organizada Mancha Alviverde.

9 Tudo **aconteceu** na manhã de ontem. A polícia **suspeita** que o confronto pode ter sido  
10 agendado pela internet.

11 André **levou** um tiro na cabeça e **perdeu** massa encefálica. **Passou** toda a tarde e início da  
12 noite internado. O tumulto **ocorreu** na avenida Inajar de Souza, no bairro do Limão, a 8 km do  
13 Pacaembu.

14 Eram cerca de 300 corintianos e palmeirenses, **de acordo** com a polícia. Seis outras pessoas  
15 **ficaram** feridas.

16 Os torcedores rivais se **enfrentaram** com armas de fogo, pedaços de paus, pedras e barras de  
17 ferro. Duas pessoas **foram** baleadas. Um rapaz de 23 anos **foi** atingido na bacia. O outro **foi**

18Lezo.

19Um rapaz de 27 anos **foi** ferido com uma barra de ferro na cabeça. **Estava** internado com  
20traumatismo craniano.

21O porta-voz da PM, major Marcel Soffner, **disse** que a corporação **foi** informada, por volta das  
229h, de uma concentração de mais de 200 palmeirenses na avenida.

23Duas equipes **foram** enviadas ao local para fazer o acompanhamento, como é praxe em dias de  
24clássico. Uma hora depois, porém, um grande grupo de corintianos **chegou** à avenida e  
25**começou** o tumulto. **Foi** chamado reforço de policiais.

26Dois suspeitos, ligados à torcida do Palmeiras, **foram** encaminhados ao distrito policial.

27Moradores apontavam a participação deles no tiroteio. Como nenhuma arma **foi** localizada,

28ambos **foram** submetidos a exame residuográfico (que apura vestígios de pólvora) e liberados.

29A Polícia Civil deve investigar a participação dos dois na briga e se o confronto **foi** agendado  
30pela internet.

31Soffner **disse** que se suspeita do agendamento em razão da enorme quantidade de barras  
32apreendidas. Numa briga casual, não seria possível encontrar tantas.

33A Mancha Alviverde **afirmou** que pretende se manifestar hoje sobre o fato. Nas redes  
34sociais, muitas mensagens de apoio a André **foram** deixadas por palmeirenses.

35"Nós saímos do estádio desolados. Era um amigo muito querido por todos, jovem, estudante  
36de engenharia. Estamos todos abalados", contou André Guerra, ex-presidente da organizada.

(LR E MR)

## ANEXO 2

São Paulo, terça-feira, 27 de março de 2012 **FOLHA DE S. PAULO** **opinião**

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

Editoriais

[editoriais@uol.com.br](mailto:editoriais@uol.com.br)

Pacificar o futebol

1 A morte de um torcedor durante conflito de rua entre adeptos de Palmeiras e Corinthians é  
2 mais uma tragédia a **clamar** por medidas enérgicas do poder público e das entidades esportivas  
3 para conter a violência no futebol.

4 **É correta**, portanto, a decisão da **Federação Paulista de Futebol** de banir as torcidas Mancha  
5 Alviverde e Gaviões da Fiel dos estádios, até que seja esclarecida sua participação no bárbaro  
6 episódio.

7 **Os responsáveis pela segurança pública** em São Paulo e em outros Estados têm se mostrado  
8 sensíveis ao problema. Faltam, contudo, instrumentos para atuação mais eficaz.

9 A realização da Copa do Mundo de 2014 no país **pode ser** o incentivo até aqui ausente para  
10 enfrentar o problema, que é antigo e não afeta só o Brasil. A experiência internacional  
11 demonstra que, apesar da dificuldade de combater esse fenômeno difuso, **é possível** reduzir de  
12 forma significativa os confrontos, **tanto** nos estádios **quanto** em espaços públicos.

13 Os pioneiros nesse esforço foram os britânicos, após grave tumulto na Bélgica, em 1985,  
14 patrocinado por torcedores truculentos -os chamados "hooligans" (arruaceiros). Naquela  
15 ocasião, 39 pessoas morreram pouco antes da partida final da Copa dos Campeões da Europa,  
16 entre o Liverpool, da Inglaterra, e a Juventus, da Itália.

17 Depois de retirar seus clubes das competições continentais por cinco anos, os britânicos  
18 tomaram várias providências para frear a violência. A principal foram leis específicas, com  
19 sanções para delitos vinculados ao esporte.

20 **Além** de penas de prisão ou serviço comunitário, a legislação prevê o banimento dos  
21 estádios, por **até** dez anos, de torcedores flagrados em conflitos. Se reincidentes, a punição  
22 **pode ser** perpétua.

23 Para identificar os delinquentes, tornou-se obrigatório, lá, implantar sistemas de vigilância por  
24 câmera nos estádios - como o que se encontra em teste no Pacaembu. Os torcedores  
25 envolvidos em brigas **têm de** comparecer a distritos policiais nos dias de jogo. Paralelamente,  
26 a polícia recebeu treinamento para atuar de modo mais seletivo e inteligente na repressão.

27 Por aqui, há também que chamar os clubes à responsabilidade. Suas diretorias precisam pôr  
28 fim às benesses e aos conluíus com torcidas organizadas, muitas delas notórias adeptas do  
29 vandalismo.

30 **Cabe ao Ministério do Esporte e às autoridades da segurança pública** tomar as  
31 providências para que o país possa, até 2014, enfim pacificar o futebol.